

# O Bilhete

*(Por: Filipe Paixão)*

# 1.

Foi com uma agradável sensação de lufada de ar fresco, que recebi a comunicação (em jeito de convite) para liderar o projecto na sucursal inglesa.

Desde a tua partida, que me sentia perdido, sem objectivos e numa busca incessante por ti, que no fundo era uma busca por mim, daquilo que pensava ser o nós, sem qualquer rumo definido, ou objectivo traçado.

Este projecto, seria a minha salvação, a saída do estado letárgico em que mergulhei após a leitura daquele teu bilhete, tão simples, tão curto, tão objectivo. *“Desculpa, mas tenho de ir. Até sempre, Beijo”* Assim, sem mais nada, tão simples, tão enigmático, tão eficaz, tão letal.

Nesse longínquo dia 20 do mês de Maio de 2002 (há quatro anos atrás), que a minha vida dera uma volta de 180 graus e desde então nunca mais conseguira encontrar-me comigo próprio.

Transporto comigo a certeza de que saberias o efeito que este teu gesto teria em mim. Tenho a certeza de que tinhas a plena consciência que ficaria completamente perdido e absolutamente destroçado e no entanto... não deixaste de o fazer.

Tenho a certeza que sabes, que a dúvida me consumiria até às mais profundas das minhas entranhas, em que a minha luz jamais seria capaz de penetrar, ficando assim todo o meu ser mergulhado na penumbra e no entanto... não deixaste de o fazer.

Desde esse dia, até aos dias de hoje, acordo e adormeço com as mesmas perguntas na minha mente: “Porquê?” e “Como foste capaz?”

Numa primeira fase, recusei-me a acreditar que tal acto fosse deliberado e nada me tirava a convicção que algo de muito grave te teria acontecido. Não era possível que tivesses escrito aquele bilhete de livre vontade e que apenas era possível que o tivesses feito sob coacção, com base numa qualquer ameaça de cariz extraordinariamente grave.

Confiante nisso, intentei inúmeras acções para te procurar, em tentativas sequentemente frustradas para te encontrar.

Não acreditava ser possível tal cenário, em nós e acima de tudo, vindo de ti.

Tu para mim eras tudo, a minha vida, o meu respirar, a minha razão de existir, o meu objectivo de vida e sem ti (companhia de mais de uma dezena de anos) ela não fazia qualquer sentido. E eu, sempre pensei que isto fazia eco no teu sentir, que fosse recíproco.

Tinha-nos como o par, senão ideal, o mais próximo disso que eu tinha conhecimento e no entanto...

A dúvida corrói-me até aos dias de hoje.

Tendo-nos como o ideal de perfeição, o que poderia estar mal?

Onde é que falhamos?

Onde é que eu falhei, para te levar a cometer tal acto?

Nas memórias visualizadas sob o fundo branco do tecto do meu quarto (então nosso), revivi durante as inúmeras noites passadas em claro, toda a nossa história. E quanto mais a revivia e repassava, mais a intriga se instalava e a dúvida crescia.

Sobre esse fundo, eu vi-nos desde os nossos primórdios de liceu até aos últimos dias que passamos juntos e em nada, nenhum sinal, nenhum indício, encontrei algo que pudesse justificar este teu acto.

Estaria demasiado distraído para não ter percebido os sinais?

Estaria demasiado ocupado, para que não tenha dado atenção a eles?

Ou terias tu sabido dissimulá-los na perfeição, de mim, de tão bem que me conhecias?

Ou então, nada disto teria existido e deste azo a um impulso de momento?

Mas se assim fosse, o que estaria na base dessa tua necessidade de aceder a um apelo desta natureza? Porque estarias tu “tão disponível” para incorreres num tal acto?

Para o teres feito, algo de certeza não poderia estar bem e o facto de eu não saber o quê, era o verme que me consumia, dia após dia, usando a dúvida e a incerteza, como ácido corrosivo para a sua deglutição.

Para mim, o diálogo sempre foi tudo. Construí a nossa relação com base nele e agora... tudo parecia ter sido em vão, tudo parecia tão ineficaz.

*“Desculpa, mas tenho de ir. Até sempre, Beijo”* Estas palavras nunca deixaram de ecoar na minha mente ao som da tua voz. Talvez assim eu conseguisse compreender, talvez assim esperasse chegar a alguma conclusão, mas não, nada!

No início da nossa relação, nos tempos em que ela se tornou mais séria e assumimos o “nosso compromisso”, que acordáramos ser fiéis de sentimentos um ao outro. Dentro deste acordo, ficara estabelecido que, se um qualquer de nós dois encontrasse ao longo da vida, alguém que nos complementasse mais que o outro, usaríamos de franqueza e honestidade e comunicaríamos esse facto ao outro, falaríamos entre nós. E eu sempre te disse que te amava demais para te prender a mim, contra tua vontade. E que se um dia tal viesse a acontecer, por muito que me custasse, deixar-te-ia ir, pois amava-te ao ponto de não te querer ver infeliz, com o “pretexto egoísta” de te querer ao meu lado. Este sentimento não era apenas retórica. Sempre me disseste que não o compreendias muito bem, pois para ti, quem ama tem medo de perder e questionavas-me sobre se eu não tinha esse medo. Eu respondia-te que obviamente que sim, MAS que não poderia ser esse o pretexto para “te prender”. Sempre, desde que te conhecesse, que te queria ao meu lado, apenas via a minha vida vivida dessa forma, na tua companhia, mas o meu altruísmo não me permitia que o forçasse a troco do meu bem-estar. No final, por uns instantes, compreendias o que te transmitia e admitias este sentimento como sendo profundo, verdadeiro e mesmo assim...

E eu sempre tentei encontrar uma explicação para a tua actuação.

Eu necessito de compreender as razões das ocorrências. Para mim, sempre foram mais importantes os motivos do que as causas, pois acredito que apenas desta forma, é possível evitar uma reincidência.

Será que não tinhas tido coragem suficiente para me olhar nos olhos e dizer-me que era por outro alguém que o teu coração batia?

Será que terias tido medo que te tentasse demover (e conseguisse, pois como sempre o admitis-te eu tinha sobre ti uma influência muito grande e “as minhas palavras eram as armas mais eficazes que jamais havias conhecido e na primeira pessoa”) e acabasses por desistir de o fazer?

Eu queria acreditar que na base do acontecido, estava uma destas duas hipóteses. No fundo, seriam por ventura aquelas que menos me afectariam mas no entanto, algo me dizia que poderia ser outro qualquer o motivo e que estas minhas hipóteses eram apenas aquelas em que a minha mente e os meus sentimentos queriam acreditar por serem, porventura, as menos dolorosas.

Tu saíste da minha vida e esse, constituía o único facto real do qual eu tinha conhecimento e esse, era o último que eu imaginara que um dia viria a ocorrer. Pelo menos, desta forma.

E noite após noite, eu revivo-nos, através dos nossos melhores e dos piores momentos, mas nem assim, consegui alguma vez compreender o sucedido.

E para mim, conforme não me canso de dizer que bem sabes, isso constitui o motivo de eu não conseguir “arrumar” este assunto. E enquanto não o conseguir fazer, não conseguirei continuar a (em pleno) viver.

## 2.

É impressionante como o nosso mundo e tudo aquilo que temos como certo, pode, de um momento para o outro, num pequeno instante, ruir e simplesmente desaparecer.

Nós éramos perfeitos! A nossa relação era perfeita!

Amadurecida por mais de 10 anos de convivência comum, a nossa relação era o meu orgulho e a minha melhor obra.

Nela, depositava e punha em prática, todas as minhas convicções de vida, do certo e do correcto. Era o exemplo vivo, de que as minhas teorias eram reais e o caminho a ser seguido, para se atingir o pleno!

Era ela que me servia de exemplo para terceiros, como demonstração de que o amor, a honestidade a abertura e o diálogo, devem ser as bases de uma qualquer relação sendo que estas, seriam as pedras basilares que estavam no segredo da longevidade.

Como estava enganado! E o pior, é que a constatação deste facto, me deixou completamente perdido. Os pilares da minha existência, ruíram de débeis que se revelaram ser. E então, com 31 anos, apercebi-me que as minhas bases, as minhas crenças, eram falsas ou até mesmo irreais e assim sendo, sem elas, como deveria eu agir? Baseado em quê, iria passar eu a comandar a minha vida, se outras eu não conhecia, ou conhecendo, com elas não concordava?

O teu abandono, não foi apenas um mero abandono de uma pessoa e o fim de uma relação.

O teu abandono, foi o abalar profundo de um ser em toda a sua expressão, desde as suas convicções mais básicas, construídas desde a infância (mas com mais expressão nos últimos 10 anos) até às suas mais expressivas vontades.

Contigo, eu sempre sentira que o amor, o amor puro, aberto, seria capaz de vencer todo e qualquer obstáculo. E por isso, nós não compreendíamos como era possível que casais, discutissem permanentemente e pior que isso, o assumissem como normal numa vida a dois.

Até nisto diferíamos de todos os outros. A nossa vida não era vivida a dois, mas sim a “um”, sendo que esse “um” era constituído por dois seres que unidos na harmonia, agiam como um só.

Agora vejo o quão errado eu estava.

Na minha ilusão, existia em nós, uma vida na qual batiam dois corações, de forma compassada e numa batida tão perfeita que quase se tornava imperceptível a existência do par.

Hoje, vejo que numa vida em comum, não existe apenas essa vida. Existem sempre duas, que em determinados momentos, se juntam, seguindo por um mesmo caminho, mas nunca deixando de ser duas a seguir por vezes lado a lado, qual companheiros de viagem num comboio sobrelotado, que seguindo sentados um ao lado do outro, olhando em direcções opostas, não deixam de ver coisas diferentes. E com o movimento do comboio, ficam para trás muitas observações efectuadas por um e das quais o outro, apenas tomará conhecimento se o primeiro quiser, ou se der ao trabalho, de lhas relatar. E mesmo assim, moldado pela sua visão e imaginação, o facto nunca será visualizado da mesma forma pelos dois.

Hoje observo, que a maioria dos casais, pode até seguir na mesma carruagem, mas na maior parte das vezes, seguem voltados um para o outro, em cadeiras voltadas em direcções opostas.

Por isso as observações e respectivas conclusões, são muitas vezes díspares.

E assim, perante esta realidade, eu questiono-me sobre se seriam “os outros” que estariam certos e seríamos nós que vivíamos uma quimera em que o desejo pela sua realidade era tal, que impedia que a víssemos de uma forma límpida, clara, real, fantasiada aos nossos olhos, ou se seríamos nós que vivíamos uma relação tão atípica, que por o ser, não conseguiu subsistir no tempo.

O teu gesto, levou-me a questionar o que até então para mim era inquestionável: o “nós”.

Este “nós” que fomos construindo ao longo dos anos, desde os primórdios dos nossos tempos de namorados. Começamos como tantos outros, num ambiente de liceu, em que a convivência foi levando a uma aproximação, uma amizade que se foi tornando mais “colorida”, na qual foi crescendo uma cumplicidade, que nos levou um dia, a dar aquele primeiro beijo, configurando em si, o sinal de partida a todos os anos seguintes. Aquele beijo tão sentido, tão por mim aguardado, tão bom, tão doce quanto surpreendente. Sabias que eu nunca havia namorado com ninguém, pois sempre encarara o namoro como algo que marcaria o início de uma vida a dois. Como tal, como nunca sentira que tal poderia resultar com ninguém, nunca antes havia namorado. Flirt’s ocasionais e apenas pelo gozo, sempre me pareceram como tempo perdido e pior: poderiam fazer com que, no momento errado no local errado, por me encontrar com a pessoa errada, perdesse a oportunidade de iniciar o meu relacionamento com a pessoa certa.

Assim, sem o sabermos, naquele momento, condicionávamos as nossas vidas, para um período de tempo, que até há bem pouco tempo, eu pensava ser eterno.

E foi assim, sem grande “alarido”, sem nenhuma paixão arrebatadora, mas sempre com um enorme espírito de companheirismo, com muito carinho à mistura e muito cuidado um pelo outro, que fomos construindo a nossa relação, com base em metas consecutivamente traçadas, que foram evoluindo com o passar dos tempos e o próprio evoluir da nossa relação.

A pouco e pouco, sem pressas, gozando bem a presença um do outro, a nossa relação foi-se desenvolvendo e nós fomos-nos entranhando um no outro, de forma a que por vezes me confundisse e como que me baralhasse quando me referia a qualquer um de nós de forma individual, dissociado um do outro. O “nós”, desenvolveu-se de tal forma na minha mente, no meu ser, que qualquer outra ideia e forma de nos identificar de forma individual, me pareciam incompletas.

E eu sempre acreditei - por o sentir - que o mesmo se passaria contigo, nas mesmas circunstâncias, da mesma forma e intensidade. Agora, questiono tudo isso. Questiono se também tu chegaste a sentir isso e a partir de determinado momento deixaste de o sentir, ou se pelo contrário, apenas eu o sentira e assumira que contigo se passaria o mesmo, por uma crença cega de amor feita.

E isto leva-me à questão que desde aquele bilhete me tem ecoado na cabeça tantas vezes sem cessar: “Estaria eu enganado a teu respeito? Será que nunca te conheci verdadeiramente? Ou será que fui acometido nos tempos mais recentes por uma cegueira, de acomodação feita?” A resposta a estas questões, ainda não as consegui encontrar e começo a duvidar que algum dia, as consiga, pelo menos sozinho. Sozinho: sem a tua intervenção.

Engraçado, sempre me julguei o elo forte da nossa relação.

A minha personalidade, forma de estar e de sentir a vida, sempre pautou a nossa actuação perante o outro. Perante o outro e no limite, perante os outros também. Apesar de nas decisões do dia a dia, eu lentamente ao longo dos tempos, me ter imiscuído de as discutir e até de para elas contribuir, passando para ti essa responsabilidade, no que se refere à nossa postura como indivíduos e como casal, sempre tive o papel mais activo e interveniente. Sempre tive convicções que apesar de pouco comuns a todos os outros, eram fortes bem vincadas e definidas e com isso, e apoiado em conceitos filosóficos e até psicológicos, conseguia fundamentar, articular e estruturar muito bem os meus pensamentos, conseguindo com isto a mais valia de convencer todos quantos me ouviam.

Manipulador, acusavas-me tu; Correcto e completo, rebatia eu. E no final, após mais uma conversa gerada por este esgrimir de adjectivos, lá te conseguia eu convencer, quer pela razão dos argumentos, quer pelo cansaço. Sabia-o ser assim, e como tal, agia sempre de forma determinada e convincente nestes nossos debates, pois sabia, que com a persistência e tempo suficientes, conseguia “levar a água ao meu moinho”, utilizando uma das tuas frases tradicionalmente típicas da família simples e campestre da qual eras oriunda.

Este, era um dos pontos que tanto admirava em ti e que por vezes, numa fase inicial da nossa relação, me era difícil de compreender. A tua persistência, perseverança e dedicação no que aos estudos dizia respeito, era no mínimo intrigante para mim. Como era possível que com um tempo lindo, um calor abrasador e a praia (da qual sempre tanto gostaste) ali ao lado a convidar-nos, tu não vacilasses nem um pouco quando o tempo era de estudo, por os testes ou exames estarem à porta. Com o tempo, apercebi-me que a questão fundamental não era o facto de serem os estudos, mas sim o facto de os mesmos em si, configurarem uma meta que te propuseras atingir. Ao longo da nossa vida, fui sabendo de ti que a tua postura era esta, para toda e qualquer meta que definisses. E tu funcionavas assim, por estabelecimento de metas e respectivos marcos a serem conseguidos até que as mesmas fossem atingidas. E conseguiste passar isso para mim, de uma forma tão implícita, que eu próprio assumi esta forma de vida como nativa. Rapidamente, passei esta forma de actuar da minha vida pessoal para a profissional e a receita foi sucesso garantido. Aliado à minha extrema organização e experiência, configurou-se um cenário de profissionalismo que rapidamente levou a que a minha carreira evoluísse, crescesse e por inerência, o meu sucesso monetário.

Até na minha vida profissional está a “tua marca”. De cada vez que analiso algo com a atenção devida e com a meticulosidade dos pormenores, dos detalhes, revejo a tua presença em praticamente tudo. E por isso me tem custado tanto esquecer-te, pois tu continuas sempre presente. Nunca me havia apercebido disto até à tua ausência. É como dizem: nunca damos o devido valor nem sentimos a falta de algo até que a perdemos.

Mas será que é mesmo assim? Será que eu nunca te dei o devido valor? Não tenho essa convicção, não acredito nisso. Por diversas vezes te sentiste superada pelo meu amor e dedicação. Por muitas e muitas vezes disseste que não me merecias, pelo tanto que te dava e que te sentias incapaz de retribuir à altura. E eu, que embora pensando isso exactamente dessa forma, te dizia que não, sentia nisso uma enorme satisfação, pois como sabes (ou penso que sabes, a esta altura as minhas certezas são poucas) a minha satisfação estava sedeada no oferecer e não no receber. O meu êxtase estava na surpresa, no brilho dos olhos de quem recebia as minhas oferendas, nas sensações de surpresa, espanto, agrado e tudo o demais que via reflectido nos olhos de quem recebia o que eu oferecia. Para mim, essa satisfação conseguida em terceiros, era dos objectivos mais conseguidos que podia almejar. Daí o ritual e a questão que sempre fazia em não comprar uma coisa qualquer só para marcar uma data, mas sim uma oferenda, para marcar uma pessoa. E quando o alvo da oferta era uma criança... então o desafio e o prazer cresciam exponencialmente, de tal forma que o custo da oferta passava a factor secundário, desde que, o objectivo fosse atingido.

Mas sem dúvida, sem dúvida que o meu maior desafio sempre foste tu. Conseguir surpreender-te, sempre e de forma crescente, era um desafio que para mim constituía a adrenalina das ocasiões festivas. Em público ou em privado, na multidão ou a sós, sempre tinha de arranjar forma de te surpreender. Era um jogo que eu adorava e que sentia que tu, de certa forma, com o passar do tempo, foste apreciando cada vez mais.

Melhor do que isso, de tanto o apreciares, começaste a tentar tornar-te protagonista e a querer conseguir em mim, o que eu provocava em ti. E eu confesso que gostava. Era como um jogo jogado ao contrário em que a caça, se tornava o caçador.